

# **Complicações secundárias em pacientes vítimas de acidentes por arraias em hospital de referência no norte do Tocantins: Estudo Transversal**

**Josué M. Telles<sup>1</sup>, João Victor S. C. Coutinho<sup>1</sup>, Victória B. Dantas<sup>1</sup>, Gustavo C. M. Queiroz<sup>1</sup>, Naualy C. Alencar<sup>1</sup>, Cecília J. Carvalho<sup>1</sup>, Danyelle P. Rosário<sup>1</sup>, Gabriela S. Couto<sup>1</sup>, Ebert M. Aguiar<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Acadêmicos de medicina da FAHESA/ITPAC, Av. Filadélfia, 568 - St. Oeste, Araguaína - TO, 77816-540, <sup>2</sup> Médico especialista, Dermatologista e Diretor Clínico do Hospital de Doenças Tropicais de Araguaína e docente da FAHESA/ITPAC, Av. Filadélfia, 568 - St. Oeste, Araguaína-TO

O acidente por arraias também chamado de ictismo é um importante agravo e saúde pública na Amazônia. Esses acidentes geralmente ocorrem nas extremidades dos membros inferiores, quando o indivíduo pisa sobre o animal. O objetivo desse trabalho foi elucidar as principais complicações secundárias desse tipo de acidente em pacientes em hospital de referência no norte do Tocantins entre os anos de 2013 e 2016. Foi realizado um estudo retrospectivo, transversal, descritivo, seguido de trabalho de campo. Foram analisadas 116 fichas do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN) do Núcleo de Vigilância Epidemiológica Hospitalar (NVEH) do Hospital de Doenças Tropicais do Tocantins (HDT), em Araguaína. O presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências Humanas, Econômicas e da Saúde de Araguaína sob o parecer 54167916.1.0000.0014. A cidade de Araguaína recebe casos de toda a região norte do Tocantins e dos estados vizinhos. Dos casos estudados, 37 tiveram manifestações locais (31,9%) e 62 não tiveram essas manifestações (53,45%), e 17 casos (14,65%) tiveram essa informação ignorada na ficha de notificação. Dos que complicaram posteriormente, 91,9% (34 indivíduos) apresentaram infecção secundária como complicação mais comum. Houveram apenas três relatos no período analisado de necrose extensa (8,1%). Não se registrou relatos de síndrome compartimental, déficit funcional ou amputação local. Avaliando o desfecho de todos os casos de acidentes por arraia no estudo em questão, 82 pacientes (70,69%) evoluíram para cura, não necessitaram de internação ou não retornaram com queixas. Do estudo realizado depreende-se que a maioria dos casos evoluem para a cura e não cursam com complicações. O conhecimento da evolução desses tipos de acidentes e das possíveis complicações é importante para o manejo clínico e eficácia da conduta terapêutica.

**Palavras-Chave:** Ictismo, acidentes por arraias, complicações secundárias

Apoio: Liga Acadêmica de Infectologia de Araguaína - TO